



GT 77. Ritmos da Identidade: Música, Juventude e Identidade

Coordenador(es):

Carlos Benedito Rodrigues da Silva (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

João Batista de Jesus Felix (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Socialização e discussão de pesquisas concluídas ou em andamento, enfocando a música e ritmos como elementos de mobilização coletiva, e definição de linguagens e códigos de comunicação: enfoques sobre construção de performances e linguagens corporais entre grupos de juventude nas diversas regiões brasileiras ou mesmo em outros países, a partir das tendências rítmicas veiculadas pelos sistemas midiáticos. Estamos diante um fenômeno bastante interessante, pois, é cada vez maior as expressões artísticas, que eram assumidas como simplesmente formas de lazer, serem assumidas como formas de se expor posições políticas. A arte sempre foi vista como muito perigosa, principalmente pelos governos autoritários, mas ela era entendida como uma extensão, uma maneira a mais dos órgãos especializados em políticas (Partidos Políticos principalmente) tinham para demonstrar suas posições. Atualmente existem vários trabalhos acadêmicos que procuram demonstrar que a música, a dança, o cinema, o teatro, têm uma grande autonomia política. Nossa intenção, com instituição deste GT, é dar espaço para conhecermos pesquisas desenvolvidas em todo o território nacional ou estrangeiros, sobre formas de se construir identidades através da música, da dança e do lazer.

Coreobeldia etnomusicológica: percursos epistemológicos e metodológicos de uma etnografia das práticas musicais da BATEKOO

Autoria: Leonardo Moraes Batista (Departamento Nacional do Sesc), Thamara Collares do Nascimento (thamaracollares.nave@gmail.com); Danilo da Cunha de Jesus dos Santos (danilo.cunhads@live.com); Acsa Braga Costa (acsabragac@gmail.com)

A BATEKOO é movimento/festa de juventude negra que versa com entretenimento, cultura, sonoridade, corporeidade, estética e embate político, protagonizado por corpos de pessoas negras. Um encontro afrodiaspórico que transita entre a memória, por meio da conexão ancestral e uma reontologia focada em construir uma contranarrativa ao que se refere às experiências cotidianas das pessoas negras na sociedade. ?Juventude?, ?geração?, ?revolução? e ?mudança? são palavras que podem descrever objetivamente esse movimento criado por pessoas pretas e para pessoas pretas que tem como principal interesse a exaltação da diversidade da negritude. Esse é o espaço que praticamos e pesquisamos. Falamos no plural porque somos Negô: um grupo de estudos e pesquisas constituído por pessoas negras praticantes, participantes e ?pretantes? da BATEKOO. Somos pesquisadoras/es associadas/os ao Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LABETNO ? UFRJ). A etnomusicologia por ser um campo, uma área, uma disciplina que articula discussões e processos interdisciplinares que se desdobra em produção de conhecimento, a partir de ações singulares na/com a dinâmica social, sendo o escopo sonoro espaço de pesquisa e nosso campo de atuação. Estamos construindo, desde fevereiro de 2019, a pesquisa de doutorado, em andamento, com foco na juventude negra LGBTQI+ e sua produção estético-sonoro-corpórea em meio aos espaços urbanos. Somos um grupo que possui diferentes perspectivas sociais atravessadas por ações raciais que se desdobram em perspectivas necropolíticas (MBEMBE, 2018). Nossa pesquisa mergulha na produção da juventude e nas suas estratégias e formas de sobrevivência que se dão nas práticas estético-corpórea-sonoras por meio/com o movimento/festa BATEKOO. Temos como base metodológica o enfoque etnográfico mesclado à Pesquisa Ação Participativa (PAP) em diálogo com as ideias de descolonização além das concepções negrocidas. Ou seja, partimos das práticas de ações afirmativas,



como engajamento político além extermínio da população jovem e negra. O escopo epistemológico desse processo é embasado pelo pensamento negro, produzido em África e nas diásporas, como vida e não como tema (RAMOS, 1955). Nós, batekoonianos, assim como os Black Power, modificamos nossas lentes, focados em não mais assumir a branquitude como modelo de produção de conhecimento. Assumimos um referencial diferente, fluido e preto, rompendo e atravessando os limites impostos pelo pensamento Moderno. Contudo, buscamos compreender a BATEKOO como este espaço de construções de identidades e memórias atravessadas pela experiência civilizatória de torna-se negro, por meio da relação entre sonoridades e corporeidades afrodiaspóricas como um projeto negropolítico de aprofuturo.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: